

REDACTOR PRINCIPAL
Alexandre Vieira
EDITOR
Joaquim Cardoso
Propriedade da União Operária Nacional
(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)
Officinas de impressão — R. da Atalaia, 134 —
Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. Talha — Lisboa • Telefone: ?

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Congresso Internacional

Havia a U. O. N. convocado para o mês de Agosto o II Congresso Nacional Operário, reunião esta que foi forçada a antecipar em presença do convite que vem de receber da Confederação Geral do Trabalho de França para enviar delegados à Conferência Operária Internacional, que a partir de 28 de Julho se realiza em Amsterdã, convite a que a Central dos Sindicatos resolveu aquiescer, deliberando fazer-se representar por dois delegados.

Só um acontecimento internacional da importância do que acaba de levar a U. O. N. a abreviar a realização do seu Congresso podia determinar semelhante resolução, uma vez que pouco mais de um mês tem a comissão organizadora da reunião de Coimbra ante si para elaborar os trabalhos que na mesma reunião hão de ser discutidos, do mesmo passo que os sindicatos do país tem que desenvolver a máxima actividade e fazer um não pequeno esforço para enviar a Coimbra os seus representantes.

Não era de boa tática — e isto o reconheceu a comissão organizadora do Congresso de Coimbra, com o consenso do Conselho Central — que a organização sindical portuguesa mandasse a Amsterdã quaisquer representantes seus sem que estes fossem habilitados a definir, perante os representantes do operariado internacional, os pontos de vista da organização proletária portuguesa acerca dos magnos assuntos que vão ser postos ante a reunião internacional. Os delegados portugueses que ali fossem em tais circunstâncias limitar-se iam a desempenhar as funções de órgãos de receptividade, o que, sem dúvida, não seria bastante a justificar a sua presença em tão importante assembleia.

E' outro o caso desde que esses delegados possam traduzir as aspirações da massa organizada de Portugal, não só acerca dos problemas de ordem interna, que vão ser postos no Congresso de Coimbra, mas também sobre as questões de natureza internacional constantes da ordem de trabalhos da Conferência de Amsterdã, sobre as quais se deve pronunciar a organização operária portuguesa no seu próximo Congresso, a fim de que os delegados à primeira das referidas assembleias possam levar-lhe resoluções.

Não sabemos nós se as centrais sindicais de todos os outros países, convidadas a fazer-se representar na Conferência de Amsterdã seguirão orientação idêntica à da nossa Central dos Sindicatos. E' possível que nem todas procedam de idêntica forma, mas estamos certos que só o não farão por qualquer destes dois motivos: porque já se pronunciaram sobre os assuntos a discutir na Conferência de Amsterdã, e assim encontram-se naturalmente aptas a exteriorizar o seu sentir, ou porque, depaíses de mais vasta organização que o nosso, não lhes será possível realizar em curto prazo uma reunião nacional.

Estamos, porém, convencidos, porque seria absurdo supor o contrário, que nenhuma das centrais do estrangeiro reputará errônea ou falha de senso a orientação seguida, sobre o assunto, pela União Operária Nacional.

Reunião de Federações

A União dos Sindicatos Operários de Lisboa, de acordo com a União Operária Nacional, convidou por este meio as federações de indústria a enviarem dois delegados hoje, às 15 horas, a uma reunião que effectua na sua sede para resolver sobre a solidariedade a prestar neste momento aos grevistas da Companhia União Fabril.

Breve dos telegrafos nos Estados Unidos

WASHINGTON, 7. — Nem todos os estados do sul aderiram à greve dos Empregados dos telegrafos.

O II Congresso Operário Nacional

Realiza-se em Coimbra nos dias 19, 20 e 21 de Julho e não na data primitivamente fixada :

O Conselho Central da União Operária Nacional, anteontem reunido, aprovou, por unanimidade, um parecer que lhe foi apresentado pela comissão organizadora do Congresso Operário Nacional, tendo sido resolvido antecipar, em harmonia com as conclusões do referido parecer, a data da realização do mesmo Congresso, que havia sido marcado para os dias 9, 10 e 11 de Agosto, congresso que agora está convocado para 19, 20 e 21 de Julho próximo, na mesma cidade de Coimbra.

Publicamos em seguida esse parecer para conhecimento da organização sindical:

«A Comissão Organizadora do Congresso Operário Nacional, em harmonia com a resolução tomada pelo C. C., na sua sessão de 3 do corrente, reafirma e aprecia a possibilidade da U. O. N. enviar delegados à Conferência Internacional de Amsterdã, desde que se effectue o Congresso Nacional antes da partida dos referidos delegados para a referida cidade.

«Esta comissão, ponderando a questão material, em primeiro lugar, achou para a mesma uma solução, que se lhe afigue satisfatória, porisso que, como neste momento estão vários sindicatos com trabalhos de organização que demandam despesa não se poderá contar com o pagamento da cota, pelo menos no tempo devido, para as despesas com o envio de delegados a Amsterdã.

«A data do Congresso Nacional poder-se-á alterar para 19, 20 e 21 de Julho, ou seja cerca de 10 dias antes da data do de Amsterdã, desde que para

ESCLARECENDO

Tem a Batalha, até hoje, mantido uma orientação cordata, quanto ao ataque às grandes injustiças sociais e aos comentários a propósito dos variados assuntos de que tem tratado, dia a dia.

Mas porque a sua orientação e a sua crítica assim tem sido feitas, as classes dirigentes — os governos, os proprietários, os industriais, os comerciantes e os banqueiros, toda essa gente que vive parasitariamente à custa do esforço ingente dos que produzem, sofrendo cruéis dores — tem supposto que a nossa brandura é o reflexo da força que a organização operária portuguesa possui.

De facto, não era assim. A orientação de A Batalha, era ainda o reflexo do espírito do Congresso de Tomar.

A Batalha, sem uma resolução em contrário do mais alto organismo operário português — a U. O. N., de que é órgão — não poderia definir, precisar claramente uma orientação e por ela girar o seu procedimento.

Publicava artigos vários sobre assuntos de carácter social, nos quais se encontravam conclusões que por vezes se chocavam entre si, e isto acontecia, menos porque não fossem por nós notadas as contradições, do que por desajarmos ter campo aberto para a discussão livre.

Nem sempre o entenderem assim os nossos naturais inimigos — o Estado e o patronato.

Porem, o Conselho Central da U. O. N., que se apercebeu do facto, e ainda porque era necessário que a A Batalha exprimisse claramente as aspirações da organização operária, de que este jornal é porta-voz, depois de duas sessões de acalorada discussão, votou a seguinte moção:

«Considerando que a comissão redactora de A Batalha não tem podido dar a este jornal uma orientação definida e insustentável no sentido claramente revolucionário e emancipador por ter de se reportar ao disposto nos estatutos da U. O. N. e ter em atenção o espírito temporizador do Congresso de Tomar;

«Considerando que esse espírito assim como os referidos estatutos foram determinados pela necessidade de naquela época se impunha de harmonizar correntes de certo modo divergentes, de que resultava o desperdício de esforços em prejuízo da organização operária;

«Considerando que presentemente tais factos já não subsistem, pois acontecimentos posteriores, tais como a harmonia e convergência de esforços para o robustecimento da organização, a aproximação de certos elementos de escolas sociais diferentes na crítica e combate à grande guerra e sua directiva principal determinando a carestia da vida, o início da revolução social na Rússia, ameaçando estender-se aos demais países da Europa e da América e

A Vila Franca de Xira no próximo domingo

Os bilhetes da excursão ficarão ontem quasi exgotados.

O grande número de bilhetes depositados na nossa administração para o passeio fluvial a Vila Franca de Xira, a realizar no domingo próximo, exgotou-se ontem completamente, tão grande foi a procura. Daqui se vê como foi coroadada de êxito a feliz iniciativa da comissão de amigos de A Batalha, promotora do passeio. Alguns bilhetes restam ainda em poder desta, mas a sua venda, estamos certos, não se fará esperar.

O itinerário da excursão é o seguinte, tal como se encontra actualmente delineado:

Embarque às 6,30, rigorosamente prefixas, na ponte do caminho de ferro do Sul e Sueste, no Terreiro do Paço. Seguirá o vapor Alentejo rio abaixo, pela margem norte passando assim em frente à praia de Alges e outras pitorescas localidades; tais como Caxias, Oeiras, Paço de Arcos e S. Julião da Barra, onde se detirá algum tempo, para proporcionar aos excursionistas a fruição do delicioso panorama que daquele ponto se pode admirar. O Alentejo mudará, seguidamente de rumo em direcção à praia da Trafaria. Dirigir-se-á depois para Pórtio Brandão, localidade ante a qual se fará uma curta paragem. O barco toma em seguida o rumo de Vila Franca, onde se calcula que chegue cerca das 13 horas. Nesta vila se efectuará o desembarque, sendo os excursionistas recebidos pelas organizações operárias locais. O embarque para Lisboa effectuar-se-á às 17,30 em ponto, dando assim tempo aos excursionistas de apreciarem os mais interessantes aspectos de Vila Franca de Xira. A bordo funcionará um bufete, da qual são excluídas bebidas alcoólicas. A Banda da Sociedade Musical do Beato tocará durante o trajecto, além das mais belas peças do seu repertório, o hino revolucionário A Batalha.

A comissão promotora da excursão vai enviar-nos mais alguns bilhetes que na nossa administração, ao preço de 1500, serão postos à venda hoje, das 16 às 22 horas.

OS FORÇADOS O GUANO

UMA INDÚSTRIA DE MATÉRIAS PODRES

Trago ainda no nariz, sobre o caso, sobre o meu todo, como uma obsessão, o cheiro pesado, esmagador, daquele conjunto de coisas imundas que constituem o que se chama o guano, e já lá vão dois dias que trepei a encosta da serra do Monsanto, em peregrinação a ver aquela indústria de putrefacções.

Lá no alto, sobre um morro que domina a vasta planície dos arredores da cidade, vergastada pelas correntes da serra e pela aragem perfumada dos eucaliptos e das oliveiras das bandas de Campolide, a fábrica mantém-se firme, invencível, verdadeiro reduto de pestilências resistindo a todas as rajadas sádias, a todos os zéffios purificadores.

O ar circula livremente numa vasta extensão; pelos arredores há pedreiras, fornos de cal que depuram a atmosfera e, no entanto, a uma grande distância da fábrica do guano, o cheiro agreste, e à medida que avanço tenho a impressão de que vou visitar um capoe de batalha, uma dessas batalhas antigas, seguidas de perto pela acumulação de cadáveres abandonados, insepolos.

O vento, a espaços, levanta a poeira branca da estrada, uma fita comprida que vai findar lá em cima, nuns casnhotos caídos, com muitas janelas, varrendo constantemente os arredores, e no entanto o cheiro persiste, aumenta arrastando não sei que sinistros longinquas, que insinuações fúnebres de alguns contos de Edgar Poe, ou quadros



Estolando uma egua

de Grós, de Delacroix, sobre pestes, morticínios, devastações, horrores.

Assalta-me a ideia da fuga, sentindo-me incapaz de penetrar lá dentro, naquele depósito de coisas podres, naquela oficina de matérias deterioradas, e só então me ocorre o fim daquela escalada.

Lá dentro não há cadáveres, a não ser de animais, mas há homens, gente viva, que vegeta ali em contacto com a podridão.

Lá dentro há homens que trabalham, que lidam com a causa daquelas exalações, que nos fazem esquecer por momentos...

Oh!... Se não fora a lembrança que eles são eternamente esquecidos, pelo grosso da multidão indifferente, que se neurasteniza na vertigem de falisímios progressos, como sofreria ali o sóinho, na estrada, como uma passadeira até à entrada para a fábrica de adubos de... carne, num arrempendimento, daquele olvido momentâneo!

E foi assim que me encorajei, a estudar o passo, e penetrar lá dentro, fugindo-me sempre.

— Lá dentro há homens... Lá dentro vive-se...

Logo à entrada uma lufada morna, um bafo quente, aquela exalação a gado que se recebe nos estabulos, sacode-me, livrando-me da tortura do cheiro insuportável, pelo vulgaríssimo fenómeno psicológico do retardar a fadiga, pela variação, e creio ser a causa da resistência a aquela excursão, a vertiginosa variedade de horrores e de cenários tenebrosos e nojentos.

Cruzam o ar emanções diversas, e à medida que sigo um operário que me abriu a porta, por entre montões de massas negras, como estrumeiras fermentando, tudo aquilo treseca a peixe, a carne, a frutas, e não sei que mais matérias em decomposição.

Enfiamos por um corredor formado por sacaria, amontoadas sob um telheiro carunchoso, sofrendo al um pronunciadíssimo odor a criação putrefacta, desembocamos num largo, com mais montes negros, numa sucessiva mutação de cheiros, que me aturde quasi, e a correr, precipitadamente, desemos umas escadas trémulas, desengonçadas, que me conduzirão, se lá chegar, à caldeira da cozedura, e fábrica de adubo.

O operário pelo caminho fala-me das sacas, e avisa-me, ensinando-me a patinhar, ou fugir, daqueles fragmentos de carne dispersa, em várias faixas do fabrico.

A sacaria continua penas de várias aves, e não se sabia ainda a aplicação que teriam.

Os alemães empregam-nas em edredons.

Tem para isso aperfeiçoados maquinismos.

— Nós cá é tudo à mão... Lá se ia

O PROLETARIADO E O ESTADO

O reconhecimento da U. O. N.

“Ao Estado, mais do que a ninguém, é que convirá” — diz-nos um funcionário superior do Ministério do Trabalho

Após Monsanto, quando as hostes populares desbarataram as forças da reacção, manifestou-se uma tendência, derivada da atmosfera desses dias trágicos, para o reconhecimento da U. O. N. Falou-se amindadas vezes na reforma da arcaica lei das associações de classe, num sentido que esse reconhecimento permitisse, tendo havido mesmo um ministro que até lá pouco sobrava a pasta do trabalho, que pensasse em corporizar essa tendência.

E' preciso que se note, porém, que a U. O. N. é estranho que o Estado a reconheça ou não oficialmente, porque isso em nada implica com o seu regular funcionamento. Governos de toda a espécie tem tentado exterminá-la, lançando para isso mão de todos os recursos — mas a U. O. N. continua existindo, cada vez mais robusta e poderosa, enquanto esses governos tem baqueado.

Todavia a reforma da lei das associações de classe não deixa de nos interessar, interessando igualmente à opinião proletária, sobretudo como sintoma da atitude dos governantes perante a classe trabalhadora. Inquirir, pois, do que acerca dessa reforma pensa entidade autorizada, era o caminho que nos estava indicado. Procurámos, pois, o sr. Alfredo Pinto, funcionário superior do ministério do trabalho que, segundo informações que temos, ao estudo da lei das associações de classe bastante se tem dedicado.

O Estado tem conviência em reconhecer a Central dos Sindicatos

Uma sala vasta, que duas janelas rasgadas para o Terreiro do Paço inundam de luz; dezenas de empregados trabalhando naquele ambiente morno. A um recanto, de frente de uma secretária literalmente coberta de montes de papelada, o sr. Alfredo Pinto.

Uma apresentação breve, o fim que ali nos levava exposto em frases curtas, e o sr. Alfredo Pinto, diz-nos, acenando bem as palavras, como quem lhes mede bem o sentido:

— Sempre tive a opinião de que o Estado reconheça a U. O. N., porque se algum inconveniente existe, é precisamente em não fazer esse reconhecimento, ao mesmo tempo que recebe delegados dessa organização e com eles trata questões graves. Reconhecendo a U. O. N., desapareceriam esses inconvenientes e o triste espectáculo dos governos serem forçados a tratar com uma agremiação que não reconhecem e até combatem.

E' v. ex.ª realizou algum trabalho com esse intuito?

— Quando fazia parte do Conselho Superior de Previdência Social, ainda no tempo de Sidónio Pais, foi elaborada um projecto de reforma à lei das associações de classe, reforma esta baseada no projecto do sr. Machado Santos. Propuz, então, que a nova lei autorizasse a formação de associações mistas nas localidades onde os operários das matérias descompostas, que vem amontoando para as submergir nas caldeiras.

— Eis-me, outra vez na mesma escada, que nos conduz cá acima a uma meia laranja, livre, não sei como, daquele ambiente infecto, deletério, e ainda para mais carregado de coloridos, de visões trágicas, verdadeiramente fétidas.

— Ouço dizer, o que me surpreende, que há outra porta de saída e que até lá, veré o resto.

Sinto um segredo júbilo. Acabou-se o horror, vou enfim assistir à preparação talvez mecânica, mais acedada, menos repugnante, dos tais adubos de carne.

Como me enganell...

Na minha frente, como um cenário fantástico, como numa alucinação, abre-se uma galeria tenebrosa, macabra, como uma galeria de catacumbas.

Acamados, empilhados por especialidades, formando um longo corredor, vejo a mais formidável pilha de ossos que em minha vida me foi permitido avaliar. Como num museu de pavores, a que só faltassem etiquetas, pasmei diante de um armazém de fíbrias, fémures, crâneos, costelas, e queixadas de vários animais, que servem, ao que me diz o meu guia, para colas, botões, e... eu podia lá apanhar o que ele me dissesse...

Depois são mais corredores no mesmo género, em tudo que é susceptível de apodrecer, que vão para ali, para aquele entreposto de matérias deterioradas, porque o guano é obrigado a aceitar tudo quanto esteja avariado, encarregando-se de lhe dar sumiço, purificando tudo pelo fogo.

— Veja, diz-me ele... ali são laranjas, veem inutilizadas de bordo; ali pedras dos frigoríficos, ali batatas; aquilo é arroz, acólá é mais peixe, miúdo; olho e só vejo numa pungente ironia, montões escuros, negros, acizentados, ou castanhos, com montões de escremento, lódo, ou lixo. — Eis todo o nosso serviço, diz-me apontando a porta que supunha mais distante.

— Então o serviço é...

— Mexer, remexer, misturar, com cal, e outros produtos tudo isto que viu, reduzir a pó, pelo fogo, depois peneirar e por fim ensacar, ficando pronto a ser empregado o guano, para adubar com vatagem todas as terras.

Sal, e cá fóra, tanto ainda pelo cheiro, opresso pela nauseabunda impressão daquilo tudo, tentava compreender o mecanismo daquela indústria de composições e só encontrei esta explicação:

— Remexer todo aquele conjunto de matérias podres, fracioná-las, pulverizá-las a fogo e resistir aquelas emanções, e só então, cá fóra, ao ar livre, a uma grande distância daquela cloaca, eu repeta como à entrada:

Lá dentro há homens! Lá dentro, entre a podridão... vive-se.

Indústria do Tabaco

Pois distingamos!

Entre palavras e obras não é a diferença tão grande como à primeira vista ou ao primeiro exame pode parecer. Não é que a diferença desapareça; ao contrário, subsiste sempre; mas por vezes tão subtil se torna que nem logram perceber a aqueles mesmos que em rigorosas distinções se empenham. Das as confusões triviais, que importa desfazer. E da queda para confusões assim enferma O Combate. Pois amanhã procuraremos esclarecer-lhe, impedidos de fazê-lo hoje por circunstâncias várias, a que a falta de espaço não é alheia totalmente.

Reunião metalúrgica

O Conselho Técnico e de Melhoramentos do Sindicato Unico Metalúrgico convida os camaradas das oficinas metalúrgicas de Lisboa e arredores a nomearem de um a três delegados por oficina a uma assembleia que se realiza amanhã, pelas 21 horas, na sede do Sindicato Unico Metalúrgico, rua da Esperança, 204, a fim de deliberarem sobre o caminho a seguir em face das respostas dos industriais.

E' necessário que nenhuma oficina deixe de enviar os seus delegados.

Nova fase de organização

A razão de ser do Sindicato Único por indústria está no alcance de todo o trabalhador que tenha a indispensável noção de que seja organização sindical, já por que tenha tomado parte activa no movimento operário, já por que tenha acompanhado de perto a sua acção económica e social.

O ano de 1919 marca uma nova fase na marcha do movimento operário, e se assim sucede é porque a indolência e a apatia do proletariado no meio sindical diminuíram consideravelmente.

São as leis naturais que impõem o progresso para a vastidão do campo científico, económico e social e assim, sem intuídos de imitar cegamente os camaradas de além fronteiras, vamos tratando de investigar quais são os meios de organização obrreira mais simples, práticos e adaptáveis à região portuguesa.

Factores diversos, que não vem agora para o caso, contribuíram para as muitas dificuldades tomamos rumo diverso daquele que seguiram há anos, o mesmo sucedendo com as formas de acção e de organização. Novos processos de luta — nova fase de organização.

Entrando propriamente no assunto, começaremos narrando os factos e apreciando-os concretamente para fazer luz sobre tam necessária remodelação.

Como toda a gente sabe, as classes metalúrgicas nunca corresponderam às necessidades da organização e daí surgiram, sem vida, impossibilitadas de corresponder ao fim para que foram constituídas, o que originava não só o desfalque de energias de camaradas conscientes e cheios de vontade, como também o desprezo, a desconfiança, mesmo das massas mais inconscientes, que se tornavam cúmplices do patronato. Mas nova era se iniciou e esses espectros de associações passaram à história, surgindo o Sindicato Único Metalúrgico para tomar o seu lugar nas fileiras da vanguarda da organização operária nacional.

As vantagens presentes e futuras que este organismo oferece são de grande importância sob todos os pontos de vista.

Assim, em primeiro lugar, o S. U. dá margem à unificação das classes metalúrgicas locais numa só família, pondo em estreito convívio os respectivos componentes, acabando com todas as vaidades profissionais entre vários ramos da especialidade, desenvolvendo assim o espírito de solidariedade.

Em segundo lugar, pelo novo organismo, a administração é confiada a sete membros, enquanto que, antes da unificação, tendo a classe 16 especialistas, e havendo, portanto, 16 sindicatos, eram precisos 80 camaradas para a parte administrativa e 48 para os conselhos fiscais, o que prefazia um total de 128 cargos! Além disso necessitava-se de uma carga de livros de escrituração, pelo menos oito gabinetes e salas de sessões, água, luz, contínuos, cotizações variadas, estatutos, enfim, uma barafunda.

O S. U. transformou o processo de cotizações, adoptando o sistema inglês, que já as camaradas da Construção Civil haviam adoptado. Por este sistema o sindicato fica com um verbete de despesa, cota, coupon, caderneta profissional e cartão de identidade, com o seu respectivo retrato, possuindo assim qualquer coisa do seu sindicato de resistência. E isto, que para alguns poderia parecer de nenhum valor, dá ao sindicato uma certa força moral.

Em terceiro lugar, a comissão técnica e de melhoramentos é um autêntico conselho de peritos que, embora não sejam engenheiros, são no entanto operários conhecedores da matéria e da engenharia social. Função com dois representantes por classe, ou seja com o máximo de trinta e dois membros, quando é certo que pelo processo antigo, eram precisos duzentos e doze! Outro tanto sucede com os secretários da assembleia geral. O S. U. tem dois efectivos e dois suplentes, o necessário para que as assembleias decorram harmonicamente, apreciem e resolvam qualquer assunto, de carácter geral ou particular, sem que se levantem atritos desta ou daquela classe.

Pelos processos antigos perdia-se um tempo precioso em discussões estéreis, em convocações sem resultado; surgiam divergências parciais colectivas e quando se chegava a resolver o assunto, se qualquer proposta era enfim aprovada, já não tinha, na maior parte dos casos, oportunidade!

Quantos trabalhos esboçados, quantas reclamações, ficaram arquivadas eternamente no governo civil ou nas pastas, e estas e estas de papéis dos industriais e dos ministros, por via desta falta de coesão?

Em suma, os serviços de administração do S. U., são mais simples e efectivos, saem mais económicos, verificam-se maior receita, o esforço colectivo é mais suave, quer material quer moralmente, e mais eficaz.

Temos ainda que a Caixa da Solidariedade, agora criada para auxílio e defesa aos sócios perseguidos e presos por questões sociais, nas condições expressas no respectivo regulamento, é dum tal valor que não carece de elogios.

Se me espraiei nestas considerações, é-lo com o fim de mostrar a todos os camaradas, as vantagens dos Sindicatos Únicos, porque sei muito bem que o que até aqui se deu com a classe metalúrgica, se está dando actualmente com outras classes, estando indicado, portanto o caminho a seguir.

O motivo principal que originou a falência da Federação Metalúrgica é fácil de encontrar. Foi esse mesmo motivo que originou a desorganização do abito que se chamou Confederação Metalúrgica. E que os metalúrgicos, com raras excepções, nunca tomaram bem a sério a sua organização, não só devido à mania de sempre começarem pelo fim, como também devido às condições da indústria e ao pouco espírito associativo. Combatividade não lhes falta, sendo em regra combativos em demasia, daí resultando também o enfraquecimento dos sindicatos.

Tinhamos, em flagrante contraste com os metalúrgicos, a organização dos camaradas da Construção Civil, que não há ninguém que não reconheça optima, posto que com a sua tática e a sua

orientação, tem conseguido impôr-se quando é necessário. Não esqueçamos isto que tem responsabilidades no meio sindical. Outro facto que não convém esquecer, e que põe em destaque o espírito organizador das camadas da construção civil, é o de estes terem visto, na Associação dos Operários das Obras Públicas, um obstáculo à boa marcha dos trabalhos da organização sindical, e imediatamente terem destruído esse obstáculo. Nós, os metalúrgicos, temos alguns obstáculos desta natureza, entre os quais os sindicatos mistos dos estabelecimentos fabris, do Estado e da indústria particular, que nos roubam os melhores elementos da classe e talvez um terço da população desta indústria.

Poderá haver quem, a sério, chame a isto boa organização?

Para o meu muito difícil. A organização impõe-se como uma necessidade, acabando-se de vez com as igrejinhas, pois com elas só tem a lutar os que nos exploram; todos os aspectos dessas igrejinhas possam advir para os operários nas associações, são apenas ilusórios. Se todos se quisessem tal orientação, havia uma associação por cada fábrica, o que seria absurdo, acabando por não se entender ninguém e desaparecendo, conseqüentemente, a organização operária.

De resto, os camaradas mais em evidência, esses organismos, sabem tam bem como nós, a razão que nos assiste, e ninguém melhor do que eles podia, sem polémica, sem desarmónia entre os elementos metalúrgicos, que tanto necessitam actuar em comum, fazer com que se conseguisse este desiderato.

Urge evitar que a grande maioria do pessoal dos estabelecimentos fabris, que mantem os seus sindicatos mistos, só tem de regalias suas exclusivamente.

A melhoria de situação proveniente dessas regalias, não se reflecte em toda a classe, antes pelo contrário: à medida que aqueles vão conseguindo alguma coisa, alheiam-se cada vez mais dos que, devido à condição da exploração do trabalho, necessitam do auxílio da classe, sem o qual todos os movimentos reivindicadores estão condenados a ser vencidos.

Não entramos já na apreciação do aspecto comodista, conservador e egotístico que a questão toma, pelo facto de essas camaradas terem conseguido mais privilégios do que os outros. E não entramos nisso para não ferir susceptibilidades, o que, a ninguém bem intencionado, interessa. Simplesmente frisamos o facto da divisão da legião operária do ramo metalúrgico, divisão que, como demonstrar, põe em cheque a coesão sindical.

Urge acabar com essa divisão, camaradas, a fim de que todos possamos impôr a nossa força, de modo a sermos respeitados como devemos. Caso contrário, continuaremos como até aqui a trabalhar brutalmente e a receber, quando velhos, a paga: a porta da rua, sem a menor remuneração.

Concluindo: devemos reunir todos em torno do Sindicato Único, dando-lhe assim a força de que ele carece, para bem cumprir a sua missão. Esse agregado de esforços proletários constituirá eficazmente o plano da burguesia e dos que tentam guindar-se aos lugares de destaque, dentro da Sociedade Capitalista, além dos trabalhadores e da Liberdade.

Joaquim de SOUSA.

A greve da C. U. F.

O movimento prossegue com energia e entusiasmo. A greve dos camaradas da União Fabril, motivada pelo despotismo do sr. Alfredo da Silva, prossegue energicamente continuando os grevistas animados do maior entusiasmo.

Para o pinhal que a Companhia tem no Barreiro, seguiu ontem uma força de 20 praças da guarda republicana.

Os grevistas nas suas assembleias de ontem, deliberaram prosseguir com o movimento, não se curvando ao tiranismo Alfredo da Silva.

Não há novas violências a registar, parecendo que o governo, em virtude da indignação da opinião proletária, deu ordens severas aos seus esbirros para cessarem com tais proezas.

Foi distribuído um manifesto ao povo do Barreiro convocando-o para uma reunião no Sine Barreirense, hoje pelas 14 horas para deliberar qual o caminho a seguir, reunio em que se farão representar a U. O. N., U. S. O. L. e F. C. C.

É hoje inaugurada a cozinha comunista do pessoal da C. U. F., tendo vários camaradas subscrito com várias quantias para o mesmo fim.

Uma bela demonstração de solidariedade operária.

Não podia a organização operária deixar de acudir em auxílio dos camaradas em greve, procurando auxiliá-los na sua luta contra o inimigo do operariado, Alfredo da Silva. Assim, ontem, obras do Estado, uma comissão da Federação da Construção Civil, composta dos camaradas Manuel Alexandre, Eugénio Carreira, Artur Augusto Rodrigues, Albino Costa, Manuel Jorge, António Amaro e Francisco Pinto, abriu subscrições com esse fim em todas as obras do Estado, que deram o seguinte ligeiro resultado:

Fábrica de Armas, 6\$700; Depósito de Fardamentos, 1\$430; Parque Eduardo VII, 21\$920; Oficinas do Caminho de Ferro, 11\$255; Companhia dos Tabacos de Santos, 2\$930; Hospital do Desterro, 5\$850; Escola Machado de Castro, 12\$600; Basílica da Estrela, 1\$000; Hospital da Estrela, 9\$180; Fábrica Tecidos do Rato, 4\$420; Convento S. Salvador, 4\$100; Engenharia, 2\$740; Obra particular E. Marques, 1\$200; Escola Normal de Bemfica, 3\$930; Asilo do Rato, 4\$000; Casa Pia, 5\$255; Camaratas, 4\$990; Cavalaria 4, 3\$040; Palácio de Belem, 1\$200; Jardim Colonial, 4\$720; Ajuda Velho, 950; Bairro Social, 4\$900; Guila, 5\$100; Bairro Social do Arco Cego, 12\$105; Asilo Maria Pia, 7\$500; Santos-o-Novo, 2\$000; Obra particular de Albano José Barbosa, 1\$200; Santo António dos Capuchos, 1\$000; Conventinho, 410; S. Vicente, 5\$350; Jardim da Estrela, 5\$170. — Total, 254\$415 réis.

Uma questão de direito

Bem sei que v. n. h. pregar no deserto, mas nem por isso deixarei de o fazer.

Quero referir-me aos atropelamentos, em geral e, especialmente, aqueles que são feitos por automóveis e de que os jornais dão notícia todos os dias.

Estou convencido de que esses desastres são casuais, pois não é crível que se façam atropelamentos de propósito, assim como é certo que a maioria da população de Lisboa ainda não sabe caminhar nas ruas onde o trânsito se torna cada vez mais difícil exigindo, por conseguinte, grande soma de precauções, tanto dos transeuntes como dos chauffeurs ou quaisquer outros condutores de veículos rodados, mas ainda que assim não seja nem por isso deixa de haver atropelamentos de que, por vezes, resultam mortes e ferimentos graves.

Ainda não há um mês que o automóvel que conduzia o ministro da Instrução atropelou o capitão Alfredo Faria, na Avenida da Liberdade.

Este official, arrastado pelo veículo, numa distância de dez metros, ficou em perigo de vida, sendo assim conduzido ao hospital de S. José, onde faleceu uns oito dias depois, em consequência dos ferimentos que recebeu no acto do atropelamento.

O referido official deixou viúva e filhos menores, que estremece e para os quais trabalhava o mais possível, a fim de os educar e preparar para o grande da vida pelo trabalho honesto.

Quem indemnisa essa família do prejuizo material resultante da perda do seu chefe?

A quanto poderá montar, materialmente, o referido prejuizo? Importa sabê-lo e importa, bem assim, que essa família, tenha que não tenha montepio, receba uma indemnização pelo prejuizo que sofreu, já que, infelizmente, não pode recuperar o seu chefe nem há compensação possível para o desgosto que ela deve ter sofrido com a sua morte.

Irá dizer-se que não há lei segundo a qual possa ou deva conceder-se essa indemnização ou, de resto, não é razão para não concedê-la, tanto mais que é ao Estado que compete fazer, quando menos por motivos e razões de ordem moral, sobremaneira intuitivos.

Se alguém, por casualidade ou involuntariamente, der um encontros numa pessoa que vá conduzindo qualquer objecto que se quebre e danifique por aquele motivo, é obrigado a pagar esse prejuizo, como sucede a cada passo.

Quebra-se involuntariamente uma porção de ovos ou de loiça, uma bacia, um vidro e logo intervem a policia, obrigando ao pagamento do valor do objecto quebrado, o que acho justo.

Surge um electrico, uma carroça, um automóvel e atropela, fere ou mata uma pessoa que bem pode ser chefe ou amparo da família, como no caso do capitão Alfredo Faria e essa família não é indemnizada do prejuizo material resultante desse facto.

No caso de ferimento grave produzido por atropelamento e de que resulte incapacidade para o trabalho, também não há indemnização para o atropelado nem para a sua família.

Donde se tira que a vida humana e os meios de subsistência dum família valem muito menos que um objecto que se inutiliza e que mui facilmente pode substituir-se.

Estamos em presença dum tese da mais alta importância social, porque interessa a todos, indistintamente, ricos e pobres, em especial a estes, em cujo numero quero incluir o capitão Alfredo Faria.

A família deste, seja qual for a sua situação económica, que não pode ser desafogada, deve o Estado numa indemnização imediata e conjunta, independentemente do seu montepio, se essa família o tiver devido isso à previdência do seu chefe.

Passando-se da especialidade à generalidade, seja quem for o atropelado, seja quem for o proprietário do veículo que o atropela, seja voluntário ou involuntário o atropelamento, é indiscutível que a indemnização representa um acto de justiça.

Há um ano, em Bemfica, um amigo meu quebrou involuntariamente o vidro de uma lanterna dum carro electrico, pelo que teve que depositar cinco tostões num estabelecimento, por ser esse o valor do vidro.

Há nos, no Campo Grande, um outro electrico cortou as pernas a uma criança que atravessava a linha à passagem do dito carro e a Companhia não pagou coisa alguma por esse motivo, nem quiz saber da criança que ficou inutilizada para o resto da vida, com a agravante de ser pobre e orfão de pai.

Por mais dum vez, a policia prendeu a mãe dessa criança, não pelo facto de pedir esmola, mas por aceitar o que lhe davam espontaneamente para o filho, quando sala com ele à rua, e quando a pobre mulher era presa, tinha que levar o filho para o calabouço.

Em conclusão e para abreviar: Não me compete legislar acerca do assunto que serviu de tema a este artigo nem tam pouco sobre qualquer outro assunto.

Limitei-me tam sómente a pôr a questão nos teus de direito. Quem puder e quizer, que faça, neste particular, o que eu não posso, não sei nem me compete fazer.

Principiei por dizer que vim pregar no deserto.

Sempre quero ver se fui pessimista e terei de dar o dito por não dito.

Tem a palavra a imprensa jornalística de Portugal e muito grato lhe ficarei se, pela primeira vez, se dignar demitir-me

José BENEDY.

Exploração do Porto de Lisboa

O engenheiro sr. Castanheira das Neves, presidente no conselho de administração do porto de Lisboa, conferenciou ontem com o sr. ministro do comércio. O decreto alterando as taxas dos serviços de exploração do mesmo porto foi já para o Diário do Governo.

Préso por ofensas corporais

A policia da 2.ª secção prendeu João Agostinho, cuja captura foi requisitada pelo delegado do procurador da república na comarca de Amadora, onde se achava pronuciado crime de ofensas corporais.

TEATRO DO GIMNÁSIO

Companhia de declamação de que fazem parte Luísa Simões, Eduardo Brazão, Amélia Rey Colaço, Julieta Simões e Robles Monteiro

Quarta feira, 11-1. Representação (299)

Sonho dum noite de Agosto

De Martinez Sierra. — Tradução de Avelino de Almeida

Abre hoje a bilheteira

VIDA SINDICAL

U. O. N.

Reunião do Conselho Central

Em continuação da sessão do Conselho Central da passada terça-feira, voltou este a reunir anteontem, tendo apreciado officios da Associação dos Empregados de Escritório, indicando como seus representantes ao C. Central da U. O. N. os camaradas Augusto Carlos Rodrigues e Gil Gonçalves da Associação dos Entalhadores, e do Pessoal das Agencias Funerárias, dando a sua adesão à U. O. N., indicando a primeira, já, como seus representantes os camaradas Luis Silva Lopes e Manuel Gaspar; da U. S. O. de Coimbra comunicando que em vista da greve dos operários cerâmicos daquela cidade não ter sido ainda solucionada, apesar de há duas semanas se encontrarem em luta, e como protesto contra o procedimento das autoridades e patronato local, está na disposição de, na próxima semana, declarar a greve geral, prometendo mais informes; os operários marcenários participando que, em vista do agravamento contínuo do custo da vida, enviaram as suas reclamações de aumento de salário, aos industriais; do Núcleo Juvenil Sindicalista (central), solicitando a representação, por dois delegados da U. O. N. numa reunião que amanhã se deve efectuar, pró-libertação dos presos por questões sociais; da U. S. O. do Barreiro, pondo o Conselho Central da U. O. N. ao facto de que se tem passado naquella villa, a propósito da greve do pessoal da C. U. F., e das injunções em que o operariado local se encontra no intuito de coadjuvar aqueles camaradas.

Um delegado, enviado por aquele organismo local expõe detidamente a situação em que os grevistas se encontram e quais as suas disposições, tomando o C. C., a este respeito, as resoluções que para o caso convêm, na intenção de procurar conseguir que aquele movimento termine rápido com vitória para os grevistas.

Exgotado o expediente, foi apreciado o parecer da comissão organizadora do Congresso Nacional Operário sobre a alteração da data do mesmo, que outro lugar vai publicado, tendo o Conselho resolvido que a Organização Operária Portuguesa se faça representar no Congresso Internacional de Amsterdam, a 28 de Agosto, pelo secretário geral da U. O. N. e marada Alexandre Vieira, como delegado directo e pelo camarada Carlos Cid, operário-sindicalista, residente em Paris, como delegado indirecto.

Foi, também, presente o relatório da comissão organizadora do jornal A Batalha, cuja apreciação tinha ficado suspensa da sessão anterior, aprovando-se, sobre a sua futura orientação, uma moção que outro lugar vai inserta.

Após algumas comunicações feitas por vários delegados, foi encerrada a sessão e marcada a seguinte para a próxima sexta feira, 13.

COMUNICAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal.

Reuniu ontem, como estava annunciada, a assembleia magna dos operários gráficos diários, a fim de apreciar a resposta das empresas jornalísticas as suas reclamações. A assembleia tomou conhecimento dos officios trocados entre a comissão executiva e um representante das empresas, extrahendo o facto de as mesmas não terem oficialmente respondido, apesar de terem feito publicar a noticia de que nessa reunião tinha sido nomeada uma comissão para tratar do assunto.

A assembleia ratificou os plenos poderes à comissão anteriormente conferidos para resolver o assunto junto dos representantes das empresas jornalísticas. A comissão executiva do Convénio de Trabalho na industria gráfica (casas de obras) continuou recebendo mais adesões, entre elas uma de grande interesse e importância de um não menos importante industrial. Amanhã, ás 19 e 12 horas reúne a Federação com todos os delegados ao Conselho Central e a comissão executiva para ultimar os trabalhos a apresentar às assembleias magnas que se realizam pelas 20 e 12 horas do mesmo dia.

Federação da Construção Civil. — Convidada-se a direcção da Associação da Companhia União Fabril a vir hoje, ás 4 horas, levantar o dinheiro que está depositado na Federação. Esses camaradas devem vir acompanhados com as respectivas credenciais.

Corticeiros do Poço do Bispo. — Esta secção reuniu extraordinariamente para apreciar a greve corticeira de Evora, tendo assistido o delegado dos grevistas, Heitor Emilio Veiga. Esta camarada expoz à numerosa assembleia a intangibilidade dos industriais, relatando o movimento desde o seu inicio. A assembleia declarou a sua solidariedade moral e material para com os grevistas, e deliberou incitá-los a manterem-se com firmeza e energia.

Músicos. — Esteve reunida até à madrugada de ontem a direcção desta associação para tratar da questão do aumento de salários. Assistiram à reunião vários elementos que compõem as comissões de vigilância. Entre as deliberações tomadas figura a de enviar ao Porto um delegado para orientar a classe musical de ali.

Comissão Mixta dos Assalariados do Estado. — A convite do pessoal civil da Manutenção Militar e na sua sede reuniu esta comissão, a fim de apreciar a attitude do director daquelle estabelecimento de estado, para com o seu pessoal, que, pretendendo entregar-lhe uma série de reclamações de ordem moral e económica, ainda o não conseguiram, em virtude daquelle senhor se recusar a receber a comissão delegada do referido pessoal.

Federação Corticeira. — Reúne hoje o Conselho Federal, pelas 12 horas, em Mutela (Almada).

Mecânicos de Agúcar. — Reúne hoje a assembleia geral, pelas 10 horas, devendo comparecer os delegados Francisco Viana e Raúl Baptista.

Trabalhadores de Teatro. — Esta colectividade reúne hoje, pelas 16 horas, na sua sede, em assembleia geral, para aprovação do relatório, contas e parecer da comissão revisora de contas da gerência desde o inicio da colectividade até 31 de Dezembro de 1918.

Condutores de Carroças. — Para tratar do caminho a seguir em face da

Uma circular da U. O. N.

A comissão organizadora do Congresso vai enviar a seguinte circular a todos os sindicatos do país:

Presados camaradas. — Como vos foi comunicado na circular de 16 de Maio, vai effectuar-se o II Congresso Nacional Operário, em Coimbra. Nessa circular estava fixada a data do Congresso para os dias 9, 10 e 11 de Agosto, mas tal data foi alterada pelas razões que vos passamos a expôr:

Pela C. G. T., de França, foi a U. O. N. convidada a fazer-se representar na Conferência Internacional, que se realiza no dia 28 de Julho do corrente, em Amsterdam. E, como neste momento há todo o interesse e conveniencia em que a Central dos Sindicatos Portuguezes entre desde já nos acordos internacionais do proletariado organizado, resolveu o Conselho Central fazer-se representar por dois delegados.

Era, porém, necessário que esses delegados fossem a referida Conferência já com resoluções tomadas pelo proletariado português, e como tais resoluções só as pôde tomar o nosso Congresso, deliberou o C. C. da U. O. N., que effectue nos dias 19, 20 e 21 de Julho, a fim dos delegados portugueses terem tempo de se apresentar na Conferência de Amsterdam, com as resoluções do nosso Congresso.

Esses delegados são: um, directo, o camarada Alexandre Vieira, secretário geral da 1.ª secção; e outro, indirecto, o camarada Carlos Cid, residente em Paris e que é operário-sindicalista.

O C. C. tomou a liberdade de nomear já os delegados, porque o representante directo necessitava legalizar os documentos necessários para sair do país, coisa que não poderia fazer no pequeno espaço de tempo que vai do nosso Congresso ao de Amsterdam — tempo esse que lhe é absolutamente necessário para a longa viagem.

Para as despesas com a ida dos referidos delegados à Conferência Internacional deverá cada Associação contribuir com um centavo por associado, e por uma só vez, esta que poderemos cobrar de cada um deles, independentemente da cota ordinária.

Como vedes, camaradas, o tempo é pouco e é necessário empregardes os máximos esforços para que essa Associação corresponda a esta necessidade.

Para o Congresso Nacional deverá cada Associação enviar um ou três delegados directos e, na absoluta impossibilidade, delegados indirectos, mas que sejam assalariados e sindicalistas.

Segundo o artigo 11.º dos Estatutos da U. O. N., cada Associação deverá contribuir com a cota de 1\$00. Porém, como sabeis, todo aumento de preço mais de 200% pelo que a cota terá de ser de 2\$00, e minima.

Camaradas! Mais uma vez vos lembramos a conveniencia de imediatamente nomeardes os vossos delegados com a máxima urgencia, enviando-nos os seus nomes, junto com a adesão e respectivas cotas, para o Congresso Nacional e para o internacional.

Outrosim vos pedimos nos envies o numero de associados.

Para elaborarmos a Ordem dos Trabalhos do Congresso Nacional, urge igualmente que nos envies qualquer questão que deva ser presente ao Congresso, mas nunca depois de 1 de Julho.

Lisboa, 7 de Junho de 1919. — A Comissão Organizadora: Manuel Joaquim de Sousa, Joaquim Francisco, António Gomes Amaral, Abel Jacinto Pereira e Miguel Correa.

As greves

Polidores de Móveis

Continuam em greve os polidores da casa Guilherme Ferraz e do empreiteiro Silvestre Soares. Ontem foram distribuídas aos grevistas as férias, pela Comissão Administrativa do respectivo sindicato.

Corticeiros de Evora

Mantem-se, no mesmo pé a greve dos camaradas corticeiros de Evora. Greve provocada, como temos dito, pelos industriais, os quais, depois de terem aceitado o acordo estabelecido quando do recente movimento geral corticeiro, se recusam a cumprir algumas das cláusulas que então acceitaram.

A comissão representativa da Associação dos Corticeiros de Evora que, conforme dissemos, se encontra em Lisboa, teve ontem uma entrevista com o ministro do trabalho, o qual prometeu chamar ao seu ministério, na próxima quinta feira, os industriais, junto dos quais instará para que reabram as fábricas, cumprindo as condições anteriormente accepidas.

Gerâmicos de Sacavém

SACAVÉM, 6. — Continua ainda sem solução a greve dos operários cerâmicos desta localidade, tendo ficado a marca da para amanhã ás 10 horas, um reunião com o filho do industrial e alguns encarregados para solucionar o conflicto.

atitude dos patrões, reúnem hoje, pelas 14 horas.

Empregados Menores dos Liceus. — Reúne hoje esta classe, pelas 13 horas.

Manufactureiros de Tecidos. — Por motivos imprevistos, foi transferida para o dia 15 a sessão annunciada para o dia 8.

Sindicato Único Metalúrgico. — O conselho técnico e de melhoramentos, promove hoje, pelas 14 horas, na sede da secção da Construção Civil de Palma, uma sessão de propaganda para organização de uma secção na mesma localidade.

Construtores de Macadam. — Em assembleia geral reúne hoje esta classe pelas 14 horas.

Sindicato Único Metalúrgico. — O Pessoal da Parceria dos Vapores Lisboenses veiu entregar a este sindicato 55\$30, produto dum "quite" aberto por esses camaradas, igualmente o pessoal da Empresa Industrial Metalúrgica entregou neste sindicato 5\$11.

Pedreiros. — A assembleia geral reúne amanhã, pelas 20 horas, prevenindo-se todos os camaradas que, daqui para o futuro, devem apresentar as suas cadernetas profissionais.

Serradores da Construção Civil e Naval. — Reúne hoje a assembleia geral, pelas 14 horas, para resolver sobre assuntos de carácter administrativo.

Mecânicos de Agúcar. — Reúne hoje, pelas 10 horas, a assembleia geral, na rua do Arco, 21 (a Alameda).

A paz de violência

Os socialistas franceses pedem que se suavizem as condições de paz

PARIS, 7. — Numa moção aprovada pelo grupo dos socialistas parlamentares pede-se que se suavizem as condições de paz para que esta seja mais justa e duradoura e que se dê maior prioridade às condições financeiras para que tanto o inimigo como os aliados saibam a situação exacta em que ficam e para que os aliados possam examinar a melhor maneira de pôr em comum as despesas da guerra. — H.

Assembleia nacional alemã BERLIN (transmitido por Basileia), 7. — A assembleia nacional, que foi convocada para a semana próxima, occupar-se há, em primeiro lugar, das condições da paz. — H.

As bandeiras a meia haste em Innsbruck

INNSBRUCK, 7. — Os jornais pedem à população que conservem as bandeiras a meia haste, em sinal de luto, por motivo da entrega das condições da paz. — H.

Na Austria protesta-se contra as condições da paz

VIENNA, 7. — Continuam os protestos contra as condições da paz. Na baixa Austria protesta-se também contra a cláusula impeditiva da união aos alemães, irmãos de raça dos austriacos. — H.

As potências escandinávicas e o recomeço do bloqueio

PARIS, 7. — O Temps publica um telegrama de Copenhague, em que se diz que as potências escandináv

Arame para palha

Vende-se a \$24

para quantidades superiores a mil quilos

Ferragens, ferramentas, cravo para ferrador e muitos outros artigos

Casa Valério, Lopes & C.ª L.ª

1, Rua Nova do Almada, 3—LISBOA

FÓSFOROS

Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que os preços dos fósforos foram alterados nos termos do Acórdão do Tribunal Arbitral, publicado no Diário do Governo n.º 118, 2.ª série, de 22 de Maio de 1918, mantendo-se o desconto legal de 10%, seja qual for o número de grossas pedidas.

Os pedidos devem ser dirigidos directamente:

No norte do País, aos Revendedores Gerais:

Ribes Macedo & Borges, S.ª
67, Rua do Bom Jardim, 69—PORTO

No Sul e Ilhas adjacentes, aos Revendedores Gerais:

Nogueira Marques & C.ª
Rua da Alfândega, 92—LISBOA

Quaisquer queixas acerca da demora da execução dos pedidos ou falta de concessão do desconto, devem ser dirigidas à Companhia Portuguesa de Fósforos, rua de S. Julião, n.º 139—LISBOA

Cirurgião-Dentista

Diplomado pela Faculdade de Medicina de Lisboa

A. Marques Coelho
CONSULTAS das 8 às 20 horas.
Aos srs. assinantes de A Batalha desconto de 10%.

Rua Alves Correia, 146-1.º—E.

Armazens de Calçado

do Socorro L.ª

157 Rua da Palma 159
(em frente do Teatro Apolo)
Telefone C. 3259

Calçado barato e de luxo

O calçado mais barato de Lisboa
Encaminhado para as Províncias contra reembolso

«JESUS NA GUERRA»
por Adrian del Vale, tradução de Jorge Gonçalves, 50 centavos.

A venda na administração de A Batalha.

OURO!!!
Mais barato e não se paga frete—**Só milagre!!!**

OURO
Compre na conhecida e acreditada casa Paiva & Fraga.

Ha sempre grande sortido de cordões, correntes, anéis, alfinetes e mais objetos em 2.ª mão renovados com pouco feito.

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12
Junto à Casa das Galoias

TELEFONE 3676

Serralharia Artística

Vicente Joaquim Esteves

Trabalhos artísticos em ferro forjado

Construção e montagem de vigamentos e coberturas metálicas

Fabricante de cofres e portas fortes à prova de fogo

RUA DAS AMOREIRAS, 92—LISBOA

Telefone 1412 (Norte)

GRANDES SALDOS

MEIA
de cores e pretas

Para senhora

500 340
600 380
800 420
1000 460
1200 500
1400 540
1600 580

Para homem

400 300
500 340
600 380
700 420
800 460
900 500
1000 540

CASA PROGRESSO
Rua D. Pedro V, 59 a 63
(Esquina da Rua da Rosa)

“RAZÃO!”
(Poemeta social)

original do operário gráfico Alfredo Neves Dias, dedicado a A Batalha, 5 centavos.

Pedidos à administração de A Batalha.

COMPANHIA DE SEGUROS

Comércio e Indústria

Fundada em 1907

Capital nominal, 500.000 Esc.—Capital realizado e fundos de reservas 550.000 Esc

Sede em Lisboa: Rua do Arco da Bandeira, 22

Seguros de: Incêndio, Agrícolas, Transportes terrestres e marítimos, Cristais e Valores pelo correio

DELEGAÇÕES—Póvoa, Braga, Coimbra, Faro, Guarda, Santarém e Torres Vedras

AGENCIA GERAL EM ESPANHA—BARCELONA

Correspondentes no estrangeiro e em todas as terras do continente, ilhas e ultramar

TELEFONES—Administração, 3312—Expediente, 1982



Não me ralo!

Vou ali à CHAPELARIA LUZITANA, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e duma solidão capaz de resistir a todos os vasos.

CHAPELARIA LUZITANA
Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

COLLARES
Viuva Gomes,
TELEF. 1944-0
Rua Nova da Trindade, 90

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses
Sociedade Anónima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Administração
Obrigações de 3 e 4 %, privilegiadas de 1.º grau

São prevenidos os srs. obrigacionistas de que, a partir do 1.º de Julho próximo futuro, será pago o coupon do 1.º semestre de 1919, das obrigações acima indicadas, nos termos seguintes:

1.ª Pela apresentação do coupon n.º 51 das obrigações privilegiadas de 1.º grau de 3 por cento recebendo por cada coupon, frs. 1.90, líquidos dos impostos em França; pela apresentação do coupon n.º 51 das obrigações privilegiadas de 1.º grau de 4 por cento recebendo por cada coupon, frs. 9.57, líquidos dos impostos em França.

O pagamento será feito desde o dia 1.º de Julho de 1919 na sede da Companhia, em Lisboa, todos os dias úteis das 11 às 15 e das 14 às 15 horas pela câmbio do dia e com isenção do imposto de rendimento para o Tesouro Português, em virtude do disposto no art. 5.º da carta de Lei de 29 de Julho de 1894 publicada no “Diário do Governo” n.º 172 de 3 de Agosto seguinte.

O pagamento em França e Inglaterra será realizado nos termos acima, desde a mesma data, nos cofres das correspondentes Companhias, de acordo com os anúncios feitos em cada país.

Lisboa, Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

O presidente do Conselho de Administração—José A. de Melo Sousa.

PURGAÇÕES
Devolve-se o dinheiro a quem se não curar em 6 dias. R. Praça da Figueira, 30

Quereis fazer economias?
COMPRA NA

Louçaria do Poço Novo
Longas esmaltadas, vidros, jarra, candieiros, faianças, porcelanas, etc., etc.

Serviços de jantar e almoço em faiança e porcelana.

Variedade em objectos para brinde. Sortimento em artigos de uso doméstico.

Aposar dos preços resumidos marcados nos artigos, os leitores de A Batalha, tem o desconto de 6% (sendo 3% a favor do jornal).

Satisfazem-se encomendas para a província—ilhas e colónias

Largo do Poço Novo, 22—Lisboa
(junto da C. do Combro, defronte da Palmeira)

TRABALHADORES:
Lêdo A Aurora

Quinzenário de propaganda libertária

Redacção e administração
RUA DO SOL, 131

PORTO—PORTUGAL
A venda nos quiosques, tabacarias e na administração de A Batalha.

Biblioteca de A SEMENTEIRA

Delessalle—A confederação do trabalho.
E. Silva—Tea ro livro e arte social.
Kropotkin—Os bastiões da guerra.
Kropotkin—Em volta de uma vida.
Landauer—A Social Democracia na Alemanha.

Libertários—Orel e o anarquista.
Malatesta—Em tempo de eleições.
A Sementeira—4.º ano e até ao último número do 1.º série, 16 números, 128 pag. de sociologia, biografia, gravuras, etc.

A Sementeira—Os 2 primeiros anos de 2.ª série, 1916-1917, com optima e variada colaboração, canções revolucionárias com música, trovas sociais, teatro, gravuras, etc., além de cerca de 400 recortes, fórmulas e conselhos; um volume de 384 pag., solto.
A Sementeira, por assinaturas, um ano 600 avulsos.
Satisfazem-se todos os pedidos de outras quaisquer publicações, quando acompanhadas das respectivas importâncias e dirigidas à administração de

A SEMENTEIRA
Cais do Sodré, 88—LISBOA-PORTUGAL

OPTIMO CAFE
Quilo \$80, em pacotes de 125 e 250 GRAMAS

—PERFUMARIAS—
—AMERICANAS—
“MENNEN’S”

Os melhores produtos de beleza conhecidos. Descontos aos revendedores

215
Rua Augusta, 70, 2.º—Telef. C. 1196

Publicações à venda

Administração de A BATALHA

Na administração deste jornal encontram-se à venda várias publicações literárias que nos foram oferecidas pelos editores para auxílio do órgão dos trabalhadores.

Entre outras, encontram-se as seguintes:

Hino de A Batalha, música do maestro Tomás del Negro e letra do poeta operário João Black. \$10

Número especial do semanário humorístico O Zé, dedicado ao 1.º de Maio. \$04

Razão! (Poemeta social) do operário gráfico Alfredo Neves Dias. \$05

Jesus na guerra, por Adrian del Vale, tradução de Jorge Gonçalves. \$50

A Rússia Nova, por Henriette Roland, introdução de Perfeito de Carvalho. \$10

O Terrorismo em França, por Henrique Varennes, tradução de Grácio Ramos. \$7

Tinturaria a Vapor
—DE—
Maria d'Assunção Silva Branco

45, Calçada do Carmo, 47
TELEFONE 2019

TEXO em todas as cores e lava toda a qualidade de fadenda, seda, lã, algodão em fio, roupa de senhora e fatos de homem, feltos e desmanchados, peladas, capais de borracha, reposteiros, pelos, feltos e lã.

Dégraissage à sec (49)

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses
Sociedade Anónima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Administração
Obrigações de 3 e 4 %, privilegiadas de 1.º grau

São prevenidos os srs. obrigacionistas de que, a partir do 1.º de Julho próximo futuro, será pago o coupon do 1.º semestre de 1919, das obrigações acima indicadas, nos termos seguintes:

1.ª Pela apresentação do coupon n.º 51 das obrigações privilegiadas de 1.º grau de 3 por cento recebendo por cada coupon, frs. 1.90, líquidos dos impostos em França; pela apresentação do coupon n.º 51 das obrigações privilegiadas de 1.º grau de 4 por cento recebendo por cada coupon, frs. 9.57, líquidos dos impostos em França.

O pagamento será feito desde o dia 1.º de Julho de 1919 na sede da Companhia, em Lisboa, todos os dias úteis das 11 às 15 e das 14 às 15 horas pela câmbio do dia e com isenção do imposto de rendimento para o Tesouro Português, em virtude do disposto no art. 5.º da carta de Lei de 29 de Julho de 1894 publicada no “Diário do Governo” n.º 172 de 3 de Agosto seguinte.

O pagamento em França e Inglaterra será realizado nos termos acima, desde a mesma data, nos cofres das correspondentes Companhias, de acordo com os anúncios feitos em cada país.

Lisboa, Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

O presidente do Conselho de Administração—José A. de Melo Sousa.

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses
Sociedade Anónima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Administração
Obrigações de 3 e 4 %, privilegiadas de 1.º grau

São prevenidos os srs. obrigacionistas de que, a partir do 1.º de Julho próximo futuro, será pago o coupon do 1.º semestre de 1919, das obrigações acima indicadas, nos termos seguintes:

1.ª Pela apresentação do coupon n.º 51 das obrigações privilegiadas de 1.º grau de 3 por cento recebendo por cada coupon, frs. 1.90, líquidos dos impostos em França; pela apresentação do coupon n.º 51 das obrigações privilegiadas de 1.º grau de 4 por cento recebendo por cada coupon, frs. 9.57, líquidos dos impostos em França.

O pagamento será feito desde o dia 1.º de Julho de 1919 na sede da Companhia, em Lisboa, todos os dias úteis das 11 às 15 e das 14 às 15 horas pela câmbio do dia e com isenção do imposto de rendimento para o Tesouro Português, em virtude do disposto no art. 5.º da carta de Lei de 29 de Julho de 1894 publicada no “Diário do Governo” n.º 172 de 3 de Agosto seguinte.

O pagamento em França e Inglaterra será realizado nos termos acima, desde a mesma data, nos cofres das correspondentes Companhias, de acordo com os anúncios feitos em cada país.

Lisboa, Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

O presidente do Conselho de Administração—José A. de Melo Sousa.

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses
Sociedade Anónima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Administração
Obrigações de 3 e 4 %, privilegiadas de 1.º grau

São prevenidos os srs. obrigacionistas de que, a partir do 1.º de Julho próximo futuro, será pago o coupon do 1.º semestre de 1919, das obrigações acima indicadas, nos termos seguintes:

1.ª Pela apresentação do coupon n.º 51 das obrigações privilegiadas de 1.º grau de 3 por cento recebendo por cada coupon, frs. 1.90, líquidos dos impostos em França; pela apresentação do coupon n.º 51 das obrigações privilegiadas de 1.º grau de 4 por cento recebendo por cada coupon, frs. 9.57, líquidos dos impostos em França.

O pagamento será feito desde o dia 1.º de Julho de 1919 na sede da Companhia, em Lisboa, todos os dias úteis das 11 às 15 e das 14 às 15 horas pela câmbio do dia e com isenção do imposto de rendimento para o Tesouro Português, em virtude do disposto no art. 5.º da carta de Lei de 29 de Julho de 1894 publicada no “Diário do Governo” n.º 172 de 3 de Agosto seguinte.

O pagamento em França e Inglaterra será realizado nos termos acima, desde a mesma data, nos cofres das correspondentes Companhias, de acordo com os anúncios feitos em cada país.

Lisboa, Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

O presidente do Conselho de Administração—José A. de Melo Sousa.

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses
Sociedade Anónima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Administração
Obrigações de 3 e 4 %, privilegiadas de 1.º grau

São prevenidos os srs. obrigacionistas de que, a partir do 1.º de Julho próximo futuro, será pago o coupon do 1.º semestre de 1919, das obrigações acima indicadas, nos termos seguintes:

1.ª Pela apresentação do coupon n.º 51 das obrigações privilegiadas de 1.º grau de 3 por cento recebendo por cada coupon, frs. 1.90, líquidos dos impostos em França; pela apresentação do coupon n.º 51 das obrigações privilegiadas de 1.º grau de 4 por cento recebendo por cada coupon, frs. 9.57, líquidos dos impostos em França.

O pagamento será feito desde o dia 1.º de Julho de 1919 na sede da Companhia, em Lisboa, todos os dias úteis das 11 às 15 e das 14 às 15 horas pela câmbio do dia e com isenção do imposto de rendimento para o Tesouro Português, em virtude do disposto no art. 5.º da carta de Lei de 29 de Julho de 1894 publicada no “Diário do Governo” n.º 172 de 3 de Agosto seguinte.

O pagamento em França e Inglaterra será realizado nos termos acima, desde a mesma data, nos cofres das correspondentes Companhias, de acordo com os anúncios feitos em cada país.

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses
Sociedade Anónima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Administração
Obrigações de 3 e 4 %, privilegiadas de 1.º grau

São prevenidos os srs. obrigacionistas de que, a partir do 1.º de Julho próximo futuro, será pago o coupon do 1.º semestre de 1919, das obrigações acima indicadas, nos termos seguintes:

1.ª Pela apresentação do coupon n.º 51 das obrigações privilegiadas de 1.º grau de 3 por cento recebendo por cada coupon, frs. 1.90, líquidos dos impostos em França; pela apresentação do coupon n.º 51 das obrigações privilegiadas de 1.º grau de 4 por cento recebendo por cada coupon, frs. 9.57, líquidos dos impostos em França.

O pagamento será feito desde o dia 1.º de Julho de 1919 na sede da Companhia, em Lisboa, todos os dias úteis das 11 às 15 e das 14 às 15 horas pela câmbio do dia e com isenção do imposto de rendimento para o Tesouro Português, em virtude do disposto no art. 5.º da carta de Lei de 29 de Julho de 1894 publicada no “Diário do Governo” n.º 172 de 3 de Agosto seguinte.

O pagamento em França e Inglaterra será realizado nos termos acima, desde a mesma data, nos cofres das correspondentes Companhias, de acordo com os anúncios feitos em cada país.

Lisboa, Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

O presidente do Conselho de Administração—José A. de Melo Sousa.

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses
Sociedade Anónima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Administração
Obrigações de 3 e 4 %, privilegiadas de 1.º grau

São prevenidos os srs. obrigacionistas de que, a partir do 1.º de Julho próximo futuro, será pago o coupon do 1.º semestre de 1919, das obrigações acima indicadas, nos termos seguintes:

1.ª Pela apresentação do coupon n.º 51 das obrigações privilegiadas de 1.º grau de 3 por cento recebendo por cada coupon, frs. 1.90, líquidos dos impostos em França; pela apresentação do coupon n.º 51 das obrigações privilegiadas de 1.º grau de 4 por cento recebendo por cada coupon, frs. 9.57, líquidos dos impostos em França.

O pagamento será feito desde o dia 1.º de Julho de 1919 na sede da Companhia, em Lisboa, todos os dias úteis das 11 às 15 e das 14 às 15 horas pela câmbio do dia e com isenção do imposto de rendimento para o Tesouro Português, em virtude do disposto no art. 5.º da carta de Lei de 29 de Julho de 1894 publicada no “Diário do Governo” n.º 172 de 3 de Agosto seguinte.

O pagamento em França e Inglaterra será realizado nos termos acima, desde a mesma data, nos cofres das correspondentes Companhias, de acordo com os anúncios feitos em cada país.

Lisboa, Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

O presidente do Conselho de Administração—José A. de Melo Sousa.

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses
Sociedade Anónima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Administração
Obrigações de 3 e 4 %, privilegiadas de 1.º grau

São prevenidos os srs. obrigacionistas de que, a partir do 1.º de Julho próximo futuro, será pago o coupon do 1.º semestre de 1919, das obrigações acima indicadas, nos termos seguintes:

1.ª Pela apresentação do coupon n.º 51 das obrigações privilegiadas de 1.º grau de 3 por cento recebendo por cada coupon, frs. 1.90, líquidos dos impostos em França; pela apresentação do coupon n.º 51 das obrigações privilegiadas de 1.º grau de 4 por cento recebendo por cada coupon, frs. 9.57, líquidos dos impostos em França.

O pagamento será feito desde o dia 1.º de Julho de 1919 na sede da Companhia, em Lisboa, todos os dias úteis das 11 às 15 e das 14 às 15 horas pela câmbio do dia e com isenção do imposto de rendimento para o Tesouro Português, em virtude do disposto no art. 5.º da carta de Lei de 29 de Julho de 1894 publicada no “Diário do Governo” n.º 172 de 3 de Agosto seguinte.

O pagamento em França e Inglaterra será realizado nos termos acima, desde a mesma data, nos cofres das correspondentes Companhias, de acordo com os anúncios feitos em cada país.

Lisboa, Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

O presidente do Conselho de Administração—José A. de Melo Sousa.

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses
Sociedade Anónima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Administração
Obrigações de 3 e 4 %, privilegiadas de 1.º grau

São prevenidos os srs. obrigacionistas de que, a partir do 1.º de Julho próximo futuro, será pago o coupon do 1.º semestre de 1919, das obrigações acima indicadas, nos termos seguintes:

1.ª Pela apresentação do coupon n.º 51 das obrigações privilegiadas de 1.º grau de 3 por cento recebendo por cada coupon, frs. 1.90, líquidos dos impostos em França; pela apresentação do coupon n.º 51 das obrigações privilegiadas de 1.º grau de 4 por cento recebendo por cada coupon, frs. 9.57, líquidos dos impostos em França.

O pagamento será feito desde o dia 1.º de Julho de 1919 na sede da Companhia, em Lisboa, todos os dias úteis das 11 às 15 e das 14 às 15 horas pela câmbio do dia e com isenção do imposto de rendimento para o Tesouro Português, em virtude do disposto no art. 5.º da carta de Lei de 29 de Julho de 1894 publicada no “Diário do Governo” n.º 172 de 3 de Agosto seguinte.

O pagamento em França e Inglaterra será realizado nos termos acima, desde a mesma data, nos cofres das correspondentes Companhias, de acordo com os anúncios feitos em cada país.

Lisboa, Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

O presidente do Conselho de Administração—José A. de Melo Sousa.

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses
Sociedade Anónima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Administração
Obrigações de 3 e 4 %, privilegiadas de 1.º grau

São prevenidos os srs. obrigacionistas de que, a partir do 1.º de Julho próximo futuro, será pago o coupon do 1.º semestre de 1919, das obrigações acima indicadas, nos termos seguintes:

1.ª Pela apresentação do coupon n.º 51 das obrigações privilegiadas de 1.º grau de 3 por cento recebendo por cada coupon, frs. 1.90, líquidos dos impostos em França; pela apresentação do coupon n.º 51 das obrigações privilegiadas de 1.º grau de 4 por cento recebendo por cada coupon, frs. 9.57, líquidos dos impostos em França.

O pagamento será feito desde o dia 1.º de Julho de 1919 na sede da Companhia, em Lisboa, todos os dias úteis das 11 às 15 e das 14 às 15 horas